ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Obra Completa
Edição *ne varietur*

EXORTAÇÃO AOS CROCODILOS

DOM QUIXOTE

1

Tinha sonhado com a minha avó e ao chegar à janela antes da manhã, atravessando os móveis sem tocar no soalho como se continuasse a dormir

(o corpo era a sombra do meu corpo movendo-se sem peso nos chinelos porque o corpo verdadeiro permanecia na cama, nesta cama ou em Coimbra há muitos anos, perto dos salgueiros altos, a eu crescida observando a eu pequena ou a eu pequena observando a eu crescida, não sei)

ao chegar à janela o anúncio luminoso da pastelaria do largo a que faltava uma letra, metade submergido no meu sono e metade de fora, pálido contra o céu pálido e os ramos das árvores, piscava sobre o toldo as palavras balas morteiros, reparou em mim, notou que se enganara, envergonhou-se, corou, mudou muito depressa para bolos caseiros, e nisto dei pelo cheiro de aguardente que pertencia ao meu sonho

não bem um sonho mas como as coisas eram em Coimbra, o restaurante da minha família no rés-do-chão, os quartos no andar de cima, a minha avó

Mamã Alicia

que não falava português, falava galego e depois da morte do meu avô presidia ao negócio e à casa: por não lograr mexer-se, derivado ao reumático, duas empregadas lavavam-na, vestiam-na, molhavam-

-lhe o cabelo num alguidar de aguardente para fazer a trança, colocavam-na na cadeira no topo das escadas da qual dirigia as ementas, resolvia os diferendos, se zangava com os filhos, verificava as contas à noite num caderninho de escola, a minha avó, autoritária e entrevada, chamando-me com o dedo aterrador

— Mimi

a afastar netos e gatos, lembro-me do cacarejo das galinhas no quintal misturado com o cacarejo dos salgueiros, galinhas e salgueiros bicando caliça em gestos enervados, eu a chegar-me a medo na esperança que os degraus não acabassem nunca, a pensar

— Vai bater-me

o anúncio apagou-se de súbito, era dia, daqui a nada desenganchavam os taipais do ourives, daqui a nada o meu marido acordava

— Que estás tu a fazer anda cá

o movimento sob os cobertores de um bicho confuso que se agita, desperta, se transforma devagarinho em pernas, braços, fragmentos que se unem até compor um homem

(quando o Tejo se acalma a lua junta na água os pedaços dispersos)

a minha avó, em lugar de bater-me, mandou às empregadas que fechassem a porta, envolveu-me no cheiro de aguardente, esticou a orelha à direita e à esquerda, as galinhas e os salgueiros calaram-se, respeitosos, conforme o mundo se calava a uma ordem sua, cochichou

— Não contes a ninguém vou ensinar-te um segredo

sabia tudo, lia revistas em espanhol, conhecia as estrelas

Aldebarã

aconselhava testamentos e partos, despedia cozinheiras, adivinhava os relâmpagos, jurava que na Galiza chove o tempo inteiro e nascem rosas do mar, sempre vestida de branco como uma noiva antiga desde que o meu avô morreu, exigia que lhe trouxessem as flores de laranjeira do casamento numa redoma fosca, poisava a redoma no colo e ninguém se atrevia a falar, as travessas deslizavam sem ruído, o meu tio doente dos pulmões apagava a telefonia, o meu pai empo-

leirado na caixa registadora ajeitava de imediato a gravata

Aldebarã

um segredo de quem conhece as estrelas e governa o mundo, eu a atravessar de novo os móveis sem tocar no chão e a deitar-me na cama, o bicho confuso fungou no travesseiro, balas morteiros, o avião do ministro, o automóvel na berma da estrada, o sócio do meu marido, sem metade da cabeça, a escorregar para o chão, pessoas que entravam, saíam, se demoravam na garagem, trapos rotos de frases flutuando ao acaso, um queixo que apontava para mim, eu aproximando-me corredor adiante com o cesto do tricot, a manga do meu marido, feita pássaro, a sacudir receios

— Diga à vontade senhor bispo ela é surda não ouve

Aldebarã, a Galiza onde chove o tempo inteiro, rosas que nascem do mar, comprei-lhe um telefone especial com uma luzinha que acende, se o senhor bispo pegasse no auscultador não percebia nada, guinchos e mais guinchos, tudo torcido aos uivos, repita-me lá essa do padre comunista, eu sem mudar de expressão com o meu sorriso de surda, a minha avó empoleirada no seu trono combinou gasosa, café e açúcar em manigâncias misteriosas, deteve-se na suspeita de um parente interessado, uma empregada que os filhos subornaram na copa, não esqueci o cheiro de aguardente da trança

Mamã Alicia

acordo com ele nos meus sonhos, encontro-o na almofada, nos lençóis, nas árvores do largo

juro

— Não contes a ninguém que te expliquei a fórmula da Coca Cola

a vantagem dos americanos, aquilo que os fazia ganhar guerras e os tornava ricos, eu riquíssima

— Vais ser riquíssima Mimi vais casar com um conde

dona de Nova Iorque, de todos os cinemas da Galiza e Portugal, de vinte prédios em Coimbra, da Ford, a minha avó e eu conspirativas, solenes, de estores descidos, provando um golinho arrepiadas pelo dinheiro futuro, cestos de roupa suja a transbordarem notas, gavetas pesadas de moedas, jardineiro, mordomo, quando meses de-

pois a levaram, escanzelada, respirando por um cantinho do peito a fim de morrer no hospital

o automóvel na berma e o sócio do meu marido, sem metade da cabeça, a escorregar para o chão

comandou aos bombeiros que parassem a maca a prevenir-me, inquieta que a família ou os americanos presumissem e homens de metralhadora me saíssem ao encontro no regresso da escola, a minha avó como se cada palavra fosse um balde de pedras que a língua transportava boca acima

— Não contes a ninguém

não contei a ninguém avó, não tenho cinemas, não sou rica, não casei com um conde

— Comprei-lhe um telefone especial com uma luzinha que acende diga à vontade senhor bispo ela é surda não ouve

lembro-me da trança a oscilar da maca nas escadas, do cheiro de aguardente que embalsamava a casa, da ambulância aos solavancos no beco, o cheiro de aguardente era o perfume dos santos, o fumo do incenso, o rastro de açucenas, lembro-me de recear que as enfermeiras ou os médicos pegassem numa tesoura e lhe cortassem a trança, ainda existirá a Galiza, a chuva o tempo inteiro, a névoa sobre as ondas, os pombos esfaimados, as rosas a nascerem do mar, o meu marido

— *Quando a gente namorava veio-me com a história de se tornar milionária porque sabia a fórmula da Coca Cola os surdos são esquisitos diferentes da gente moram noutro planeta*

Aldebarã

faça como eu não ligue não se preocupe com ela arranja-se uma maneira de resolver o assunto do padre dê-me uns dias deixe-me conversar com os rapazes

o meu marido não era conde avó, não casei com um conde, esperava-me à saída do Instituto, roupa cara, a medalhinha do signo pendurada ao pescoço, o isqueiro num estojo de cetim, restaurantes onde os frangos e os salgueiros não entravam na sala de jantar como em Coimbra, de mistura com a poeira dos gerânios e o cio

dos pavões, toalhas sem remendos, garfos de dentes direitos, talheres limpos, nenhum galhardete desportivo, nenhum calendário, a minha mãe ausente da cozinha, se me inclinava a espreitar não a via parada entre os fogões a esfregar cubos de gelo na testa

— *O coração não lhe aguenta os esforços dona Rosário*

prevenindo-me

— Sei lá o que ele quer ou por outra sei querem todos o mesmo como é que julgas que engravidei de ti eu que não sou surda e os escuto à légua

— Mãe

— Levámo-la ao doutor e o doutor o senhor percebe meteu-lhe uns funizinhos e espreitou para dentro com uma lâmpada Afinal não é parva é doente

eu tão envergonhada

— Não diga isso mãe

— Olha que engraçado ouviu cala-te Mimi que estou a decidir o teu futuro se o cavalheiro insiste em casar *é* consigo eu avisei

portanto tinha sonhado com a minha avó e ao chegar à janela antes da manhã, atravessando os móveis sem tocar no chão como se continuasse a dormir, num corpo que era a sombra do meu corpo, movendo-se sem peso nos chinelos, porque o corpo verdadeiro permanecia na cama a olhar-me, a eu crescida a olhar a eu pequena ou a eu pequena a olhar a eu crescida, ou a eu pequena e a eu crescida no escritório do meu marido no dia do avião do ministro, os dois homens que não conhecia a hesitarem, o meu marido sem se ralar comigo

— Então?

assim mesmo

— Então?

que lhe percebia não pelo som da voz, pelo movimento das sobrancelhas e dos lábios reflectidos na vidraça, engrossados pelo defeito da vidraça que ampliava as palavras

— Então?

os dois homens vestidos de empregados do aeroporto, com fardas

demasiado grandes para lhes pertencerem, a fitarem-me, a fitarem-no, a fitarem-me de novo, sem entenderem que a minha mulher vive numa campânula de silêncio, acena com a cabeça a fingir, sorri a fingir, concorda a fingir

— Pois claro

os dois cretinos como se eu tivesse o tempo todo do mundo para saber da bomba, como se não necessitassem de pular a fronteira e arrefecer em Espanha

onde as rosas nascem do mar contou a minha avó

seja, não vou discutir por causa disso, onde as rosas nascem do mar e velhas de trança fabricam Coca Cola com gasosa, açúcar *e* café, a minha mulher voltada não para mim, para a janela do largo como nas manhãs felizes

felizes, imagine-se

em que sonhava com Coimbra e uma taberna miserável de trolhas, com mais galinhas que clientes, arroz de pescada, febras, açorda, o paraíso dela, um paraíso de pobres, bastava ver os quartos por cima da casa de pasto onde dormiam aos cinco e aos seis, as mantas surradas, os armários sem porta, a sala de cadeiras bambas em que não me atrevia a sentar, o sofazito emendado a adesivo, as rolas de cerâmica sem bico e por cima disso tudo, entranhando isso tudo, habitando isso tudo, o cheiro de aguardente da trança da defunta, a dona do segredo da Coca Cola que lhes permitiria serem ricos, comprarem ananases de gesso para enfeitar o portão e curarem o tio doente num sanatório como deve ser, balas morteiros, as sobrancelhas e os lábios do meu marido na vidraça do escritório, deformados por um ressalto de areia, os edifícios do largo gigantescos

— Entregaram a encomenda em condições ao menos?

o senhor bispo beijando o crucifixo

— Isto *é* uma guerra santa isto *é* uma guerra santa

o avião do ministro num telhado em Camarate, os empregados do aeroporto a aguardarem a furgoneta nas traseiras, pessoas nas janelas do bairro pasmando para as asas, o fumo, o que chamavam cadáveres e não passavam de manchas escuras, pedras, tijolos, frag-

mentos que se unem até compor um homem, o Tejo acalmando-se para a lua juntar na água os pedaços dispersos, o meu marido do interior da claridade de fósforo dos lençóis

— Que estás tu a fazer anda cá

não oiço as pessoas, nem o telefone, nem a campainha da rua, e todavia oiço os ruídos do mundo, o forno, os relógios, estalos da madeira, gemidos de canos, a angústia das plantas na varanda, a inquietude e o sofrimento da casa eram uma extensão da minha inquietude e do meu sofrimento, outra pele sobre a minha pele, com as suas vísceras incompreensíveis e a vibração dos seus nervos, o que sobrava do avião a baloiçar no telhado e os empregados do aeroporto trotando para a furgoneta tapados com bonés, as sobrancelhas e os lábios engrossados na vidraça, ordenando, mudos, quietinhos em Espanha, nada de telefonemas, de cartas, consoante me ordenavam

— Sai daqui

quando o senhor bispo, ou o sócio dele a escorregar para as ervas na berma da estrada, ou o general chegavam, a viúva do sócio muito direita no vestíbulo, sem um nico de desgosto, um protesto, uma lágrima, a maquilhagem intacta, o cabelo arranjado, as sobrancelhas e a boca para mim

— Sai daqui

e então entendi, tal qual entendia o meu pai com as empregadas do restaurante em Coimbra, alisava-se, corria a palma na brilhantina e as empregadas recuperavam as travessas, a viúva a caminhar para a sala com o meu marido, não me cumprimentando da mesma forma que a minha mãe não cumprimentava, não falava, não via as empregadas, a caminhar para a sala e a encontrar o comandante e o chofer que emboscaram o defunto, lhe imobilizaram o carro, lhe quebraram o pára-brisas com as metralhadoras, o vigiaram a sacudir-se e a tornar a sacudir-se rajada após rajada, e agora se levantavam largando os copos e abotoando o casaco para me cumprimentar, e então entendi

não entendeu nada por amor de Deus, não entendeu absolutamente nada, não se tratava da esposa do meu sócio, que estupidez, nem

sonhar, não se tratava de vingança, tratava-se de salvar o País das esquerdas, do que essas mesmas esquerdas teimavam em apelidar de colónias, matando milhares de portugueses em África e desapossando até da própria roupa os que por acaso não mataram, de recuperar a Pátria a partir da fronteira de Espanha, Franco connosco, a Guarda Civil connosco, a Guarda Republicana connosco, o Norte connosco, a Igreja connosco, metade do exército, que apesar de tudo ainda havia exército, connosco

eu a chegar-me a medo

— Vai bater-me

— *Não vou bater-te porque raio iria bater-te cala-te*

o movimento sob os cobertores de um bicho confuso que se agita e desperta, se transforma lentamente em pernas, dedos, braços, o anúncio luminoso do café do largo, a que faltava uma letra, metade submergido no meu sono e metade de fora, pálido contra o céu pálido e os ramos das árvores, daqui a nada desenganchavam os taipais do ourives, daqui a nada o liceu e a chaminé da fábrica

— Que estás tu a fazer anda cá

um calor húmido, uma pressa de galo, o meu pai corrigia a brilhantina com a palma, as empregadas recuperavam as travessas, caminhavam para o restaurante meneando as penas, o meu marido

— Despe-te

— *Vai aleijar-me vai bater-me*

— Que parvoíce está quieta acaba com as asneiras despe-te

abrir a gaveta da mesinha de cabeceira e pegar na pistola

— *Mas qual pistola mas qual pistola despe-te*

eu, sem metade da cabeça, a escorregar da cama, eu

ou uma pedra, ou um tijolo, ou um ramo calcinado

coberta por um pedaço de saco em Camarate, um sapato de mulher no meio das cinzas, o que sobrava de um xaile embora os meus cabelos continuassem a arder, o verniz das minhas unhas continuasse a arder e sei que sonhava pelo cheiro de aguardente, pelo trono nas escadas, pela minha avó a erguer o nariz do caderninho de contas da escola

— Acorda Mimi acorda

repleta dos seus números desajeitados encavalitando-se em parcelas oblíquas, da força do lápis que rasgava o papel, o meu marido

— Acorda

— Nunca acordava de manhã devia ser da surdez a minha sogra preveniu-me que os sur

queria acordar para não morrer, impedir os antigos polícias secretos de jogarem fogo à moradia como jogavam fogo às escolas, às casas dos deputados, às sedes dos partidos

a minha sogra preveniu-me que os surdos são diferentes de nós, egoístas, insensíveis, foi a única pessoa que não soltou uma lágrima quando a avó faleceu, a família em peso no enterro e ela, de caracóis esticados pela brilhantina do pai e de vestido novo, acocorada a sujar-se perto do tanque da roupa, cercada pela curiosidade dos pintos, com uma garrafa de gasosa, um bule de café e um açucareiro, alheia às visitas, ao cortejo, à missa, à partida da urna, às condolências, a compor uma mistela e a beber a mistela, a dizer para si mesma, preocupada

— Não é assim

acocorada perto do tanque como se pretendesse confundir-se na terra ou fizesse parte dela conforme me sucede julgar que faz parte do recheio, não passa de um bengaleiro, um cabide, um móvel, qualquer coisa inerte que não responde e parece não ver, não se magoa, não se exalta, não usa as echarpes nem os anéis que lhe ofereço, se veste com os aventais das empregadas do restaurante de operários em Coimbra, sem entender o que eu fazia ou se importar com o que eu fazia, acordava e dava com ela de pé observando a praça, tocava-lhe no ombro e a minha mulher empurrando-me de mãos abertas, como se eu trouxesse uma espingarda quando pretendia apenas sossegá-la

— Não dispares

minúscula a um canto da cama de joelhos na boca

— Não dispares

o meu marido

— Despe-te

e eu a proteger-me com a almofada, os lençóis, a colcha

— Não dispares

o anúncio da pastelaria no espelho, balas morteiros balas morteiros balas morteiros, a reparar em mim, a notar que se enganara, a envergonhar-se, a corar, a mudar muito depressa para bolos caseiros de modo que deixei de fugir-lhe

— *Viu qualquer coisa no espelho sei lá o quê largou a almofada os lençóis a colcha os olhos mudaram acalmou-se e deixou de fugir-me*

as árvores do largo entravam uma a uma no quarto, o sopro do rio, não o Mondego, o Tejo, desvaneceu o cheiro de aguardente e os bombeiros que transportavam a trança aos solavancos nos degraus

adeus avó

oxalá as enfermeiras e os médicos não lha tenham cortado no hospital, como não havia dinheiro para um funeral decente, de caixão acompanhado pelas rosas da Galiza que nascem do mar, ao anunciarem-me que morreu escondi-me perto do tanque, a fabricar Coca Cola na ideia de pagar o enterro que merecia quem se instalava num trono a decidir ementas, resolver diferendos, verificar as contas num caderninho de escola entre cacarejos de galinhas e de folhas, e todavia por não acertar no café e no açúcar provava e recomeçava, a despejar a garrafa

— Não é assim

até a minha família chegar do cemitério, me atentar nas nódoas do vestido e me bater, as sobrancelhas e os lábios deles moviam-se sem som ao gritarem comigo, o vento calado nos salgueiros, o Lorde a galopar ao acaso estremecendo latidos mudos, um ano depois venderam o restaurante, encontrei a cadeira da minha avó, sem cheiros de aguardente, sem damasco, sem molas, sem os arrebiques do espaldar num baldio de ciganos, compreendi então que estava morta e comecei a chorar

— Viu qualquer coisa no espelho sei lá o quê largou a almofada os lençóis a colcha deixou de fugir-me os olhos dela mudaram e começou a chorar sem motivo não a chorar como uma mulher mas como uma criança de luto e enquanto chorava ia limpando a cara com a franja da camisa logo hoje que jantam connosco o senhor bispo a

viúva do meu sócio e um convidado cujo nome desculpe quanto menos se tocar em certos assuntos melhor *é* preferível calar agarrei-lhe o cotovelo e fitou-me do interior do seu sono pedi

— Acorda

à medida que a campainha do liceu vibrava nas cortinas, desenganchavam os taipais do ourives, a chaminé da fábrica embranquecia o largo, há alguns anos tivemos problemas com um sujeito que nos denunciou à Judiciária, ao conseguirmos apanhá-lo comportava-se assim, levámo-lo para as dunas do Guincho no inverno e lágrimas e lágrimas, nenhum arrependimento, lágrimas, as ondas danadas na praia e o fulano em lágrimas, o comandante para ele

— Acorda

como eu para a Mimi

— Acorda

e o homem a tremer, não lhe fizemos nada, deixámo-lo nas estevas sob os berros da nortada, mais tarde soube que no dia seguinte o comboio o levou de rojo de Cascais ao Estoril, a minha sogra garantiu mais de mil vezes que os sur

portanto estava na cama ao lado do meu marido, com o cheiro de aguardente a evaporar-se, reconhecendo a pouco e pouco o quarto, os candeeiros, o toucador, a compreender que não sou pobre, não tenho uma só blusa, uma só saia, um só par de sapatos, não venderam os meus brincos para podermos comer

a minha sogra garantiu que os surdos são assim mesmo, estranhos, não há quem não se atrapalhe com eles por causa das reacções ao contrário, avisou-me mais de mil vezes

— O cavalheiro tenha cuidado

que não me casasse, me amigasse e desse uma ajudinha à família

— A vida está difícil para as pessoas da província entende?

mas sobretudo não me casasse com ela

nisto o sol que deslizava no soalho saltou para o cobertor, iluminou um rectângulo de lã verde e azul, a garrafa de gasosa sumiu-se, Coimbra sumiu-se, não me batiam, não me censuravam, o meu marido agarrava-me o cotovelo, faltava-lhe um botão no pijama,

faltava-lhe pentear-se

— *Vai na volta sem mais aquelas olhou para mim parou de chorar sorriu-me*

e acordei.